

Expectativas do Mercado

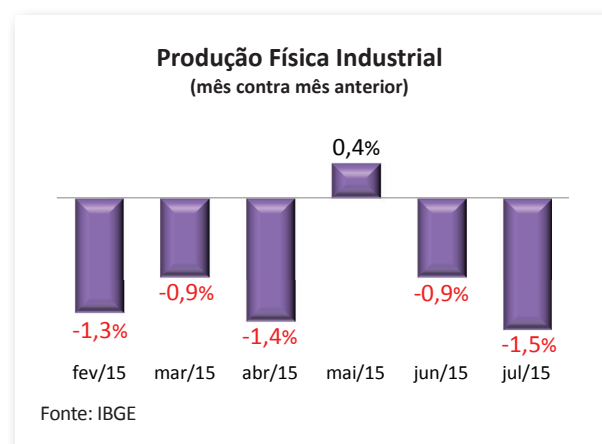
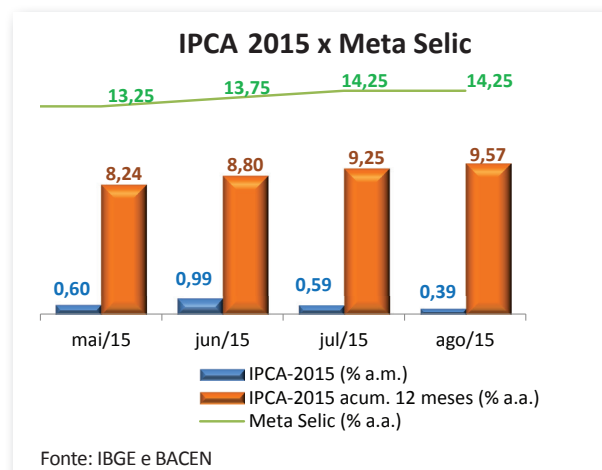
O FED (Banco Central americano) decidiu não elevar as taxas de juros com a justificativa de que está avaliando os riscos oriundos da China e as consequências das medidas de estímulos do Japão e da Europa antes de se movimentar. Como o mercado apostava na atuação do FED no curto prazo, a (falta de) ação causou incertezas no mercado. A maior aposta, entretanto, continua sendo de aumento dos juros americanos ainda em 2015.

Em relação à Zona do Euro, os indicadores apontam para um impulso mais robusto no 3º trimestre, apesar da persistente incerteza sobre a procura interna e externa. Assim, o Banco Central Europeu (BCE) manteve a perspectiva de mais estímulos se a recuperação econômica não for forte o suficiente para impulsionar os preços no consumidor e reduzir o desemprego.

Após desvalorizar o Yuan e promover uma reforma no seu sistema cambial, a China tem enfrentado turbulências no mercado financeiro como consequência das dúvidas em relação à manutenção da atividade econômica do País – forte promotor do crescimento mundial. Apesar dos resultados ruins de alguns indicadores, o governo Chinês tem buscado acalmar os mercados e estabelecer boas relações externas como forma de dirimir as incertezas quanto à economia chinesa.

No Brasil, as expectativas dos analistas do mercado financeiro seguem ruins porque o governo tem demonstrado dificuldade em efetivar as medidas de ajuste fiscal e as reformas econômicas necessárias para reconquistar a confiança de mercado (e permitir a retomada dos investimentos). Os impasses políticos ainda existentes indicam que o período de ajustamento deve se prolongar por mais tempo que do previsto inicialmente.

Assim, as projeções para o PIB, inflação e câmbio pioraram, segundo o Boletim Focus. Apesar da manutenção da pressão sobre os preços, o Comitê de Política Monetária (Copom) decidiu manter a taxa básica de juros (Selic) em 14,25% a. a. na última reunião. Segundo os analistas de mercado, a Selic deve fechar 2015 neste patamar, ainda que o Copom tenha duas reuniões marcadas esse ano, já que a economia apresenta pouco dinamismo



Expectativas do mercado

	Unidade de Medida	2015	2016	2017	2018	2019
PIB	% a.a. no ano	-2,80	-1,00	1,07	2,00	2,00
IPCA	% a.a. no ano	9,46	5,87	4,90	4,53	4,50
Taxa Selic	% a.a. em dez.	14,25	12,50	11,00	10,00	10,00
Taxa de câmbio	R\$/US\$ em dez.	3,95	4,00	4,00	4,00	4,10

Fonte: Banco Central do Brasil - Boletim Focus, de 25/09/2015

Confira os últimos estudos/pesquisas da UGE:

- [Terceirização nas MPE](#)
- [Estratégia de vendas das MPE](#)
- [Índice de Confiança dos Pequenos Negócios](#)

Acesse esses e outros estudos e pesquisas, clicando [aqui](#).

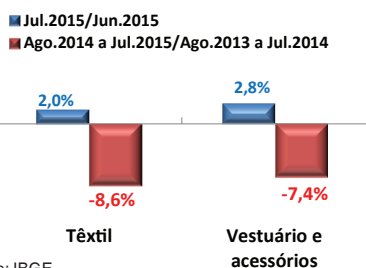
Notícias Setoriais

Comércio Varejista

Em julho, o comércio varejista registrou nova queda no volume de vendas (-1,0%) sobre junho – é o sexto mês consecutivo. Já a receita nominal mostrou leve variação positiva (0,1%), feito o ajuste sazonal. No comparativo com igual mês de 2014, a queda no volume de vendas foi ainda mais acentuada (-3,5%) e houve elevação de 4,2% na receita nominal (sem ajustes). No ano, o volume de vendas acumula queda de -2,4%, enquanto a receita nominal, alta de 4,2% em relação ao mesmo período de 2014. O segmento de móveis e eletrodomésticos continua contribuindo com o maior impacto negativo para o indicador, acumulando variação de -11,5% no volume de vendas até julho 2015. Este desempenho tem refletido o menor ritmo da atividade econômica do país, com maior restrição do orçamento familiar e menor ritmo de crescimento do crédito.

Têxtil e Vestuário

Têxtil e Vestuário - Produção industrial



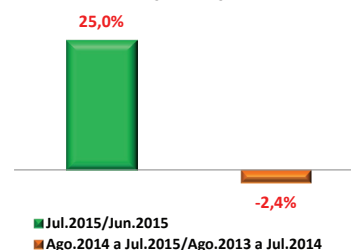
Fonte: IBGE

Em julho, a produção da indústria têxtil registrou crescimento de 2% e a de Vestuário e acessórios, de 2,8%, sobre o mês anterior. Porém, nos últimos 12 meses, a produção têxtil acumula queda de 8,6% e a de vestuários, de 7,4%. No acumulado de janeiro a agosto deste ano, as exportações de Vestuário e acessórios diminuíram 10,7% frente às de igual período de 2014, enquanto as importações subiram 1,7%, com o saldo da balança comercial do setor atingindo US\$ 1,89 bilhão. O aumento das importações têxteis, segundo os especialistas, é reflexo das pressões de custos que dificultam ganhos de produtividade da indústria nacional mesmo diante do câmbio mais competitivo.

Calçados

A produção brasileira de calçados, em julho, apresentou alta de 25% sobre o mês anterior, mas acumula retração de 2,4% nos últimos doze meses. O saldo da balança comercial do setor, de janeiro a agosto, ficou 18,4% abaixo do registrado no mesmo período de 2014, com as exportações atingindo US\$ 613 milhões e as importações, US\$ 372,9 milhões. Neste ano, os calçadistas já embarcaram 74,5 milhões de pares a um preço médio de US\$ 8,22, 3,6% abaixo do praticado no ano passado. Os Estados Unidos continuaram com principal destino das exportações, respondendo por 19,6% do total embarcado. O Rio Grande do Sul foi o estado que liderou as exportações, em valor (US\$), mas foi o estado do Ceará que exportou maior quantidade de pares.

Produção calçados (var. %)



Fonte: IBGE

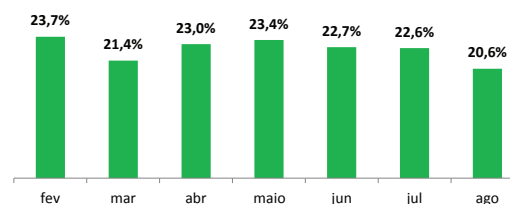
A produção de móveis subiu 3,6% em julho, frente ao mês anterior, mas acumula no último doze meses retração de 7,5%. Dado que o cenário econômico mantém-se desfavorável a investimentos, em função das altas taxas de juros, contração da renda familiar, da demanda e restrição ao crédito, é esperado que as vendas internas continuem a apresentar pouco dinamismo nos próximos meses. No ambiente externo, o setor também vem apresentando resultados ruins e acumula neste ano *déficit* de US\$ 119,3 milhões no saldo comercial. No entanto, espera-se aumento das exportações, favorecidas pela sustentação do dólar acima de R\$ 3,50 nos próximos meses, minimizando o impacto da retração do setor do mercado doméstico.

Móveis

Turismo

Segundo a Sondagem do Consumidor – Intenção de Viagem, do MTur, em agosto/2015, 20,6% dos brasileiros demonstraram intenção de viajar nos próximos seis meses (abaixo do resultado do mesmo mês, em 2014, de 28,8%). A maior parte deles (78%) continua preferindo os destinos turísticos nacionais, motivação que deve ser potencializada a medida que o dólar fica menos atraente para gastos no exterior. Desses, 52,7% pretendem ficar em hotéis e pousadas. A região Nordeste continua sendo a preferida dos turistas brasileiros (44,9%) e o avião ainda é o meio de transporte mais utilizado por 56,5% dos turistas nacionais, seguido pelos automóveis (30%).

Percentual de brasileiros que demonstraram intenção em viajar nos próximos 6 meses (2015)



Fonte: MTur e FGV - Sondagem do consumidor - Intenção de viagem

Artigo do mês

A Crise Hídrica e os Pequenos Negócios

Marco Aurélio Bedê (Doutor pela FEA-USP, Técnico da UGE)

Atualmente, os níveis dos reservatórios de água no Brasil estão entre os piores já registrados na história. Seja os voltados para a produção de energia elétrica, seja os que servem para o abastecimento de água das grandes metrópoles. Por exemplo, segundo o Operador Nacional do Sistema (ONS), o reservatório de Furnas, um dos principais produtores de energia elétrica no país, encontra-se hoje com menos da metade da capacidade registrada há 3 anos atrás. Na mesma linha, segundo a Sabesp, a capacidade de armazenamento dos mananciais que abastecem de água a RMSP encontra-se também em menos da metade do verificado em 2012. Em boa parte, essa situação se deve ao baixo volume de chuvas registrado nos últimos anos.

Para avaliar a situação dos Pequenos Negócios, particularmente quanto à crise de abastecimento de água, a UGE do Sebrae-NA realizou no primeiro semestre deste ano uma pesquisa inédita para identificar a proporção de empresas que efetivamente já foi afetada por algum problema dessa natureza. Participaram desta pesquisa mais de 5.300 empresas de todos os estados do país.

Entre as principais conclusões do trabalho, identificou-se que a crise hídrica ainda não atingiu frontalmente os Pequenos Negócios em grandes proporções. Apenas 10% das empresas, na média nacional, relataram já ter passado por algum problema no abastecimento de água em 2015. O trabalho mostra também que, ao contrário do esperado, o maior problema não está no sudeste, mas sim, na região nordeste, onde 17% das empresas confirmaram já terem sido atingidas pelo problema este ano, contra 11% no sudeste, 6% no centro-oeste e no norte e apenas 5% no sul. Os sete estados mais afetados, no país, estão no nordeste. São Paulo está apenas na 8ª posição: 12% dos Pequenos Negócios paulistas foram atingidos.

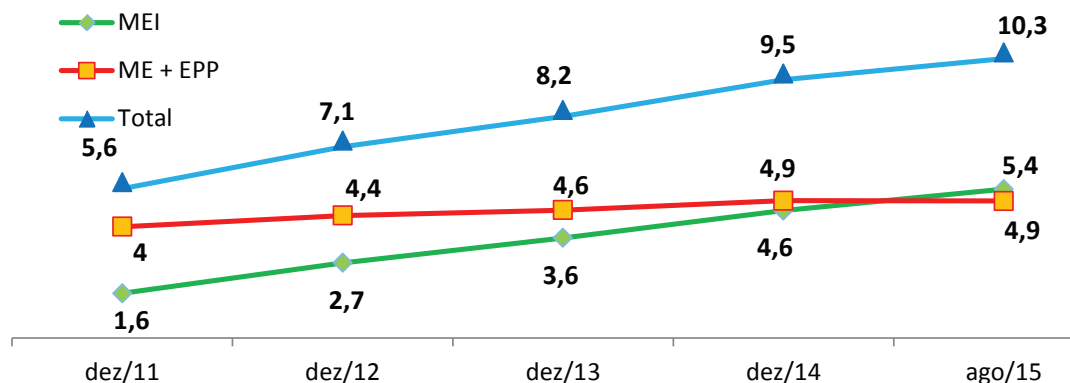
No país, na análise por porte, os mais afetados foram os MEI (13%), seguidos pelas EPP (9%) e pelas Microempresas (8%). Na análise por setor, a construção foi o setor mais afetado. Os MEI tendem a ser mais prejudicados por apresentarem maior proporção de negócios localizados em domicílios. O abastecimento de água residencial tem sido mais afetado, em especial nas regiões metropolitanas. Já a construção tem como característica o deslocamento da atividade, após a conclusão de cada obra, variando, portanto, as condições de abastecimento enfrentadas.

Os resultados da pesquisa mostram, portanto, que, a despeito do potencial de crise no abastecimento de água, a maioria dos Pequenos Negócios ainda não foi afetada seriamente por problemas dessa natureza. A despeito disso, é evidente a necessidade de melhora na sua gestão, seja no âmbito das empresas, onde é possível tornar mais racional o uso da água por meio da modernização dos equipamentos, seja nas concessionárias, onde é possível reduzir o desperdício na rede de distribuição.

O relatório da pesquisa pode ser encontrado na página de Estudos e Pesquisas, no link.

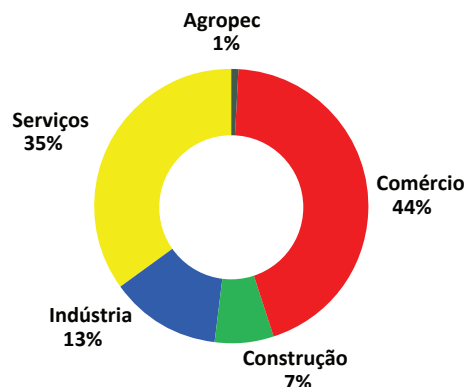
Pequenos Negócios no Brasil

**Evolução dos optantes pelo Simples Nacional
(em milhões)**

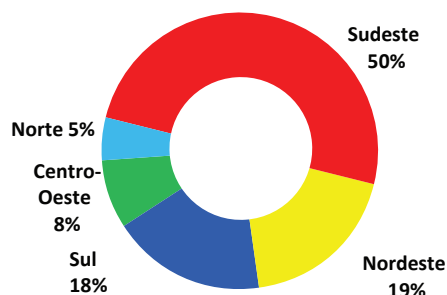


Fonte: Receita Federal

Concentração por Setor



Concentração por Região



Fonte: Secretaria da Receita Federal – março/2015

Estatísticas dos Pequenos Negócios

Participação dos Pequenos Negócios na economia	Período	Participação (%)	Fonte
No PIB brasileiro	2011	27	Sebrae/FGV
No número de empresas exportadoras	2013	59,4	Funcex
No valor das exportações	2013	0,8	Funcex
Na massa de salários das empresas	2013	41,4	Rais
No total de empregos com carteira	2013	52,1	Rais
No total de empresas privadas	2015	98,2	Sebrae
Outros dados sobre os Pequenos Negócios	Período	Total	Fonte
Quantidade de produtores rurais	2013	4,2 milhões	PNAD
Potenciais empresários com negócio	2013	13,2 milhões	PNAD
Empregados com carteira assinada	2013	15,7 milhões	Rais
Remuneração média real nas MPE	2013	R\$ 1,48 mil	Rais
Massa de salário real dos empregados nas MPE	2013	R\$ 24,4 bilhões	Rais
Número de empresas exportadoras	2013	10,9 mil	Funcex
Valor total das exportações (US\$ bi FOB)	2013	US\$ 2 bilhões	Funcex
Valor médio exportado (US\$ mil FOB)	2013	US\$ 195,4 mil	Funcex

Obs.:
1. Microempreendedor Individual (MEI): receita bruta anual de até R\$ 60 mil.
2. Microempresa (ME): receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.
3. Empresa de Pequeno Porte (EPP): receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.